

MUNDOS DENTRO DE UM MUNDO: REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS NA POLÓNIA SOB A INFLUÊNCIA NAZI (1939-1942):

Nuno Neves Andrade
CEI – Centro de Estudos Interculturais
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
nuno.rna@gmail.com
Portugal

Sinopse

Europa, 1939

A Alemanha, sob a influência do partido Alemão Nazi, deu início a um confronto que mudou a face do mundo. Inicialmente os seus países vizinhos Europeus, depois alguns mais distantes e até o continente Africano sentiram o seu poder e tremeram de medo.

Medo, um sentimento tão poderoso que em pequenas quantidades, pode aguçar os sentidos mas que, em quantidades grandes, pode gerar pânico, suprimir o intelecto e até levar a negar aquilo que temos presente como verdades absolutas.

A Europa era uma mistura de culturas; até os próprios países eram uma mistura de culturas.

A Polónia era um desses países. Neste país, Polacos, Judeus, Ucrrianos e Romanis viviam numa paz frágil mas duradora. Quando a II Guerra Mundial começou, as cidades polacas foram conquistadas uma após a outra e, uns após os outros, os seus cidadãos foram confinados à sua cidade para manter a ordem pública. Nesta época de incerteza e insegurança poderíamos pensar que todas estas culturas, diferentes nas suas fundações mas todas elas constituídas por seres

¹ Artigo elaborado no âmbito da bolsa de integração na investigação científica e desenvolvimento ao abrigo do protocolo de cooperação entre o IPP e o banco Santander Totta

humanos que respondem da mesma forma em situações desta natureza, sentir-se-iam na necessidade de se juntar, deixar de parte as suas diferenças e tentariam fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para assegurar aquilo que é a necessidade básica de qualquer ser humano: sobreviver.

A sobrevivência é o instinto mais básico atribuído ao ser humano. O medo de não ser capaz de sobreviver gerou algo que vai contra este tipo de certezas. Gerou ódio. Não ódio contra o inimigo comum mas sim uma cultura contra a outra. O exército Alemão Nazi foi implacável na sua marcha em busca do domínio total mas, em alguns casos, não foi ele apenas a face do terror.

O exército Alemão Nazi conquistava e seguia em frente, a caminho da próxima conquista, deixando governos de fachada para manter a ordem. O medo e o terror eram gerados por outrém. Um verdadeiro choque de culturas cujo resultado foi um dos maiores derramamentos de sangue na história do mundo civilizado.

Abstract

Europe, 1939.

Germany, under the influence of the Nazi party, began a confrontation that shaped the face of the world. Firstly, the neighboring countries of Europe, then the farthest ones and even the African continent felt its force and trembled with fear.

Fear, such a powerful feeling that, in small doses, can hone senses but, in large quantities can instill panic, suppress the intellectual capabilities and even destroy all that is held as true in each mind.

Europe was a mix of several cultures; even countries were a mix of several cultures. Poland was one of these countries. In this country, Poles, Jews, Ukrainians and Romani lived together in a frail but lasting peace. When the II World War began, Polish cities were captured, and one after another citizens were confined to their city in order to keep the public order. In this time of turmoil and uncertainty, one could think that all these cultures, different on their

foundations but all composed of human beings that respond in the same way to situations of this nature, would be drawn together, cast aside their differences and try to do what is necessary to ensure the most basic need known to Men, survive.

Survival is the most basic instinct of the human race. The fear of not being able to survive generated something that went against this certainty. It generated hate. Not towards the common enemy but from one culture against another. The Nazi German army was ruthless on its march towards dominance but, in some cases, it was not the sole face of terror. The Nazi German army conquered and moved on, leaving governments as a front to keep order. The terror was instilled by others. A true clash of cultures whose aftermath was one of the biggest bloodshed in the history of the civilized world.

Palavras chave: Representação, Discurso, Relacionamento Intercultural, Ideologia

Key words: Representation, Discourse, Intercultural Relations, Ideology

Polónia: Amigos ou Inimigos?

A Polónia, um país da Europa Central, em 1939 era verdadeiramente um país de grandes diferenças culturais. Em parte devido à imigração proveniente dos países vizinhos mas também de países longínquos, tal como os Romani e a comunidade Judia.

Os segundos, os Judeus, eram assim definidos devido à sua religião e não por causa do seu país. Os primeiros Judeus eram originários da Judeia, que era uma das doze tribos de Israel, descendentes de Judah, quarto filho de Jacob e

Leah. A disputa acerca da proveniência do nome, se era originalmente da tribo ou do território, ainda reside².

Sendo originalmente do território a sul de Jerusalém, os Judeus emigraram para a Europa por diversas razões, tanto políticas como monetárias.

Devido à religião, a separação entre Polacos e Judeus era evidente. Mesmo vivendo em proximidade e sendo economicamente interdependentes, permaneciam dois grupos distintos.

Esta separação entre as duas culturas foi sentida de forma mais intensa nos anos que antecederam a II Guerra Mundial (finais de da década de 30 e início da década de 40) devido ao aumento dos discursos com índole anti-semita na Polónia e na Alemanha.

Após a I Guerra Mundial, a Alemanha ficou devastada e foi privada do seu poder militar e económico. Essa situação precária levou a uma erupção do sentimento de insatisfação social, uma recessão económica, falta de orgulho nacional e a uma procura constante para a causa da situação deplorável da Alemanha.

No centro desta instabilidade política, uma figura de poder surgiu do meio do povo, para guiar o povo: Adolf Hitler. De forma gradual mas segura, Hitler foi ganhando apoiantes e subindo na hierarquia do partido. Utilizando os ideais do Reino (Reich) de Willem II, Hitler e o partido iniciaram uma campanha política contra aqueles que considerava serem a razão para a capitulação da Alemanha.

No final da I Guerra Mundial, numa altura em que a Alemanha enfrentava a destruição às mãos dos seus inimigos, foi instituído um *call of arms* a todos os Judeus capazes para defender a sua pátria. Neste tempo de grande necessidade, todos os editais provenientes do governo referentes à segurança nacional e ao apelo às armas eram obrigatórios mas este foi um dos editais mais importantes que os líderes Alemães fizeram.

² Cf Informação em Encyclopaedia Britannica, <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/307146/Judah>, acedido em 12/04/2012.

Milhares de Judeus alistaram-se e reforçaram as fileiras do exército alemão para lutar na defesa da Alemanha. Mesmo com estes reforços, a Alemanha foi incapaz de lidar com o poder e a determinação dos seus inimigos e viu-se na necessidade de aceitar a derrota e render-se.

No final deste confronto, a Alemanha foi forçada a assinar o Armistício, onde foi forçada à desmilitarização e condenada a pagar indemnizações aos vencedores. Esta situação gerou um sentido de revolta e de fúria no povo Alemão, que começou a considerar os Judeus como a verdadeira razão pela qual a Alemanha perdera a guerra. Era este o mote de vários discursos políticos que referiam os Judeus como traiçoeiros e estando na realidade a trabalhar em favor dos Aliados contra a Alemanha, quando ainda partilhavam as trincheiras com o exército Alemão.



Imagem 1

Várias imagens que abordavam este acto e veiculavam essa ideia de traição foram criadas, sendo a de 1920 aqui reproduzida (Imagem 1) uma das mais conhecidas entre os posters de propaganda Nazi. Representa o exército Alemão,

a lutar pela pátria nas trincheiras, utilizando o seu uniforme e, por cima, fora das trincheiras mas vindo de dentro do espaço alemão, envergando roupas características da aristocracia, o governo, instigado e apoiado pelos Judeus. Estes, traíndo o próprio exército alemão que lutava contra os opressores, assinaram o Armistício e condenaram o povo alemão à derrota. Outra imagem alusiva a esta época (Imagem 2) mostra um soldado Alemão nas trincheiras, com a seu uniforme escuro, enquanto que um Judeu, com um uniforme branco, em oposição clara com o militar Alemão, empunha uma adaga, estando prestes a apunhalar o militar Alemão.



Imagem 2

O militar Judeu é mostrado de branco, com uma Estrela de David no capacete. A sua face é completamente diferente do militar Alemão; a face do Alemão é rígida e transmite concentração ao passo que o rosto do Judeu expressa desapego com a responsabilidade de estar numa trincheira. De notar que a propaganda Nazi tentava mostrar aqueles que seriam diferentes de si e do seu ideal, exagerando nas características peculiares. A face do Judeu aparenta ser a face de um símio, com lábios e nariz grandes e com um uniforme completamente contrário ao natural.

O Judeu é representado com seios femininos, o que pode querer englobar todos os Judeus em apenas uma pessoa, assexuada e generalizada segundo as ideias pré-concebidas que o Alemão deveria ter (algo que abordaremos depois)

acerca do povo Judeu. Estes preconceitos semi-revelados, enfatizavam a falta de decoro que o povo judeu deveria ter (e desta forma ser visto), com mãos gordas e deformadas e completamente fora da trincheira. De ressaltar que, mesmo fora da trincheira, o Judeu surge do lado que o Alemão está a defender. Este tipo de representação da comunidade Judaica tinha o objectivo de diminuir uma cultura a um conjunto de regras e maneirismos que se adequassem à visão que o criador queria que o seu público-alvo também partilhasse. Como referido anteriormente, atribuía-se a esta representação um carácter assexuado, facilmente apreendido pela população como sendo não o homem Judeu mas sim O Judeu, tornando-se assim este tipo de representação numa base para a propaganda Alemã Nazi contra os Judeus que estariam contra os princípios do Reich.

A Alemanha Nazi utilizava este meio como forma de criar e apresentar uma imagem do povo Judeu, e não só, de uma forma mais adequada às suas necessidades. Criar uma *nova* identidade foi uma tarefa entregue às mais altas patentes dentro da organização Nazi. Consistia na criação de uma *representação*, reduzindo toda uma cultura ao conceito de *Outro*. Como referem Fabian,

othering expresses the insight that the other is never simply given, never just found or encountered, but made (Fabian 1991: 208)

e Hallam and Street,

Since 'otherness' is always actively made rather than given, it emphasises the social construction of reality. (Hallam, Street 2000: 249)

Isto significa que o Judeu que o partido Nazi tentava dar a conhecer ao mundo como o *verdadeiro* Judeu era apenas uma imagem, uma criação construída através de uma junção de várias características isoladas, que seriam representativas da realidade do que significaria ser Judeu. Este tipo de criação deveu-se à necessidade de separar ambas as raças para criar a *raça perfeita*.

Quando refiro ambas as raças, é importante notar que a raça Judaica foi uma criação Nazi, ou melhor, uma imagem criada e apresentada pelo partido Nazi e sua propaganda. No entanto a raça Ariana também foi criada e pré-estabelecida pela propaganda Nazi.

Foram ambas criadas pela mesma organização, mas utilizando métodos completamente distintos:

The idea of racialization has been deployed to illustrate the argument that race is a social construct and not a universal or essential category of either biology or culture. Races do not exist outside of representation but are formed in and by it in a process of social and political struggle. (Barker 2003: 23).

A Racialização referida por Barker define que as raças não existem para além da construção que lhes foi conferida e não constituem um conceito universal, visto que todos criamos este tipo de construções a um nível pessoal, de forma a conferir sentido a algo que para nós será estranho ou fora da nossa esfera de naturalidade.

Desta forma, a *racialização* apenas existe dentro da sua própria representação, sendo uma realidade criada para atribuir sentido a algo estranho ou mesmo criada mediante uma necessidade, seja ela económica, ideológica ou com o intuito de criar opressão.

O facto de as *raças* existirem ou não num contexto biológico é irrelevante neste caso, visto que o factor primordial neste contexto é a relevância e a representação atribuídas para se enquadrar num determinado ambiente social ou económico.

A representação do povo Judeu criada pela Alemanha Nazi tinha o objectivo de o diminuir culturalmente e tornar alvo de ódio e escárnio por meio da construção de uma imagem demoníaca e velhaca daquela população, criando um sentimento de retribuição divina de justiça nas mentes e corações daqueles que não eram Judeus e, mais importante, na população Alemã. Na realidade, o

conceito de DEUS foi utilizado de forma regular em discursos e actos levados a cabo pelo Partido Nazi. O conceito divino de *Deus* foi usado pelos líderes Nazis de forma a apelar a uma Alemanha maioritariamente Cristã e assim atrair um grande número de pessoas e diferentes massas de diferentes estratos sociais. Desta forma, o Partido Nazi seria o elemento agregador de toda a sociedade e os próprios membros seriam considerados mensageiros de Deus.

No congresso do Partido Nazi de Nuremberga em 1934, Hitler dirige-se à população dizendo que *foi Deus quem criou este Reino (Reich)*³, como se pode ver no filme propagandista de Leni Riefenstahl, *Triumph des Willens*, de 1935.

Nesse filme/documentário podemos assistir ao congresso onde Rudolph Hess, na sua intervenção inicial, se dirige ao Führer: *Tu és a Alemanha, quando ages, a nação age, quando julgas, o povo julga*⁴.

Este tipo de comentário tem o intuito de tornar o Führer uma imagem de referência para toda a Alemanha, alguém que todos devem seguir e reverenciar.

A utilização destes dois termos comparativos em separado – Alemanha, povo – não tem o objectivo de atribuir uma importância reduzida à população, mas sim atribuir uma responsabilidade e um direito que até à data a população da Alemanha não tinha, ou não reconhecia que tinha, face ao passado conturbado do final da I Guerra Mundial. Estes termos *agir* e *julgar* também são importantes de analisar. Hess refere que quando o líder age, toda a nação age, como um só elemento; os seus líderes funcionarão como um, na defesa dos interesses nacionais e a Alemanha segui-los-á; quando julga, o povo partilhará desse julgamento. Ou melhor, o povo deverá partilhar deste julgamento do seu líder. Depois da imagem criada em torno de Adolf Hitler, apresentado como o líder que veio do seio da população, o homem do povo, simples mas com um ideal, seria fácil para a população reconhecer naquele homem a responsabilidade e o direito inerente de agir e julgar sem receios. Porque ele seria um homem do povo,

³ *Triumph des Willens* (1935), realização de Leni Riefenstahl (nossa tradução). Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=GHS2coAzLJ8>

⁴ *Triumph des Willens* (1935), realização de Leni Riefenstahl (nossa tradução). Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=GHS2coAzLJ8>

que só quer restaurar a Alemanha no seu lugar por direito e devolver o poder ao povo que sofre por causa da traição de alguns.

Após esta cena, Leni leva-nos a um descampado cheio com 52.000 trabalhadores, em fila. Todos os estados que antes estavam divididos são representados por um trabalhador, agora unificados debaixo de uma bandeira e de um só líder, sob o controlo do Führer.

Esta imagem foi utilizada de forma ardilosa, para passar a imagem de uma nação, a nação que age e que está unida, de todos para todos.

Este tipo de representações era comum nos filmes de propaganda Nazi. Eram habitualmente acompanhadas de palavras de forma a ajudar a população a assimilar a ideia correcta e com o objectivo de criar um elo relacional com essas pessoas, para que estas voluntariamente se aliassem ao conceito do Reich. O partido Nazi tentava veicular uma imagem de modelo a seguir para a população, de forma a obter uma reacção positiva na forma da imitação. Na teoria, se um individuo é sujeito a um determinado comportamento que lhe é apresentado numa forma e com que ele facilmente se possa relacionar, esse mesmo individuo, por imitação ou colagem, irá produzir de forma mas efectiva o comportamento esperado⁵.

Não só os Judeus eram alvo deste tipo de representação mas também a própria raça Ariana é uma construção, uma criação, utilizando uma base completamente diferente na sua representação. Enquanto que os Judeus deveriam ser considerados sem valor e os únicos culpados pela derrota da Alemanha na I Guerra Mundial, os Arianos deveriam ser representados como poderosos e a *raça suprema*, sendo que todos que se associavam a eles estariam a seguir o caminho certo e divino.

A representação imagética da raça Ariana como poderosa não era apenas uma forma de autovalorizarão ou de compensar batalhas perdidas,

⁵ Para mais informação acerca de Imitação ver: Bandura, A. (1962), *Social Learning through Imitation*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

power is not simply the glue that holds the social together, or the coercive force which subordinates one set of people to another, though it certainly is this. (Barkeer 2003: 9)

Para o partido Nazi, a simbolização e a ostentação do poder eram a forma perfeita de atingir os seus objectivos de glória e tornar os demais seus servos, quer pela aliança política quer pela subjugação militar.

O processo Nazi de representação vai de encontro àquilo que é considerado actualmente o trabalho ideológico de representação que é:

to translate social and cultural heterogeneity into homogenous unity and to emphasize boundaries which map zones of inclusion and exclusion. (Hallam, Street 2000: 6)

Pelo contrário, os Nazis usaram essas diferenças para criar uma divisão ainda maior, de modo a que ninguém conseguisse encontrar pontos de convergência. Ao torná-las públicas da forma que eram apresentadas, os líderes Nazis reduziram uma cultura inteira a simples situacionais, desprovidos de sentido por si só, sem regras e descontextualizados, o que levou à criação de uma imagem global baseada em actos aleatórios completamente desprovidos de contexto social.

Esta representação criada pelos Nazis e inserida no contexto político e social começou a mudar comportamentos e atitudes nos países vizinhos como a Polónia.

Durante o período que antecedeu a guerra, a situação política e económica da Polónia era muito precária. O regime *Sanacja*⁶ levou o país perto da ruína com as

⁶ *Sanacja* é a alcunha de um bloco político liderado por Marshal Josef Pilsudski, que detinha o poder na Polónia entre 1926 e 1939. O nome está ligado ao slogan de “limpeza moral” da vida pública no país. Logo após a morte de Pilsudski em 1935, o nacionalismo e o anti-semitismo no *Sanacja* foram fortalecidos. Durante a ocupação Nazi, os círculos anteriormente ligados ao *Sanacja* desempenharam um papel de liderança na organização militar clandestina mais forte, o *Armia Krajowa* (Exército nacional).

suas visões políticas e a sua falta de acção ante os problemas pendentes dos compatriotas.

O país estava sem orientação efectiva e as visões políticas em relação aos Judeus que viviam no país levaram ao aumento do comportamento anti-semita, o que tornou a Polónia no segundo país onde o anti-semitismo mais se fazia sentir, apenas ultrapassado pela Alemanha.

Relatos daquele período referem que - devido à negligência em relação aos problemas de base do país e à posição política mantida pelos governantes face aos Judeus - a população culpava os Judeus de toda a situação e foi levada a crer que existia um “poder internacional Judeu que tinha como objectivo controlar o mundo inteiro.”⁷

Este poder internacional é também referido de forma mais evidente anos depois, num filme de propaganda chamado *Der Ewige Jude* (O Judeu Eterno) de 1940, onde o partido Nazi tentou, de forma mais gráfica e com disseminação maior, passar a imagem de um conclave Judaico internacional, que teria o objectivo de tomar conta do mundo, ocupando as posições mais importantes de poder, usando para isso o que era chamado de “dinheiro sujo”⁸.

Num país onde dois terços asseguravam a sua subsistência pela agricultura, negligenciar esta fonte de rendimento era condenar o país. Ao invés de se concentrar na melhoria e no desenvolvimento desta área industrial, o governo Polaco criou um programa chamado *Endeko-Sanaja*, que visava retirar pela força dos donos provinciais da terra as bancas no mercado que pertenciam aos Judeus. Este e outros programas subsequentes em várias províncias por toda a Polónia faziam parte de um plano para afastar as atenções dos problemas reais e gerar uma onda de xenofobia e ódio social⁹.

Olhando para a demografia na Polónia em 1939, vemos que era uma país com 35.100.00 habitantes, dos quais, 23.900.00 eram Polacos nativos, 3.300.00

⁷ *Der Ewige Jude* (1940), realização de Fritz Hippler, nossa tradução. Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipconrinter=1>

⁸ *Der Ewige Jude* (1940), realização de Fritz Hippler, nossa tradução. Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipconrinter=1>

⁹ RINGELBLUM, Emmanuel (1992), *Polish-Jewish relations during the second world war*. Evanston Illinois: Northwestern University Press.

eram Judeus, 800.00 eram Alemães e 7.100.00 eram de outras origens, nomeadamente da Bielorrússia e Ucrânia.

Esta diferenciação entre Polacos e Judeus deve ser vista apenas na divisão entre naturais da Polónia ou descendentes de imigrantes da Judeia.

Devemos ter em atenção que havia inúmeros naturais Polacos que eram Judeus a nível religioso.

Esta divisão é clara a vários níveis, mas é ainda mais evidente no círculo estudantil. Eva Galler, uma sobrevivente da II Guerra Mundial, conta a sua experiência como estudante nos anos que antecederam este conflito:

*We weren't separated by the line. But socially everybody stuck to their own. The Ukrainians stuck to their own, the Poles to their own, Jews to their own. Jews weren't accepted. We were in the school, we were friends. But outside the school nobody associated.*¹⁰

Deste excerto de uma entrevista dada a Plater Robinson, um especialista da Educação do Holocausto do Southern Institute for Education and Research do Louisiana, EUA, podemos assumir que, mesmo não existindo uma real divisória neste momento entre as duas culturas, a separação era evidente e bem clara:

I don't know why. It was always the anti-Semitism and the Jews felt inferior. We were always inferior and we were very lucky and happy that somebody wanted to associate in the school. It was like this. I don't know, we accepted it. I had very good friends in the school, and in the school I used to help them or we used to...somehow, somehow, the Jewish students were always the brighter. I don't know why. And we helped friends and

¹⁰http://history1900s.about.com/gi/o.htm?zi=1/XJ&zTi=1&sdn=history1900s&cdn=education&tm=19&f=00&tt=14&bt=1&bts=1&z=1&zu=http%3A//www.southerninstitute.info/holocaust_education/eva_galler.html, acedido em 17/11/2011

everything and they were happy in school, but outside the school they didn't mix with us.¹¹

A situação estava a agravar-se com o tempo e, em 1931, o sistema educacional tornou-se extremamente perigoso para os estudantes Judeus. No ensino superior, as universidades estavam a tornar-se gradualmente em bastiões de *reaccionismo nacionalista* (Ringelblum 1992: 16) e palco para violentas revoltas. Medidas de exclusão foram tomadas para assegurar que a separação entre os naturais da Polónia e os Judeus se iria tornar real. Tal como Eva Galler refere na sua entrevista, esta linha que separava as duas culturas era imaginária, no entanto, analisando a situação em 1931, conseguimos descortinar um crescendo da divisão na esfera estudantil.

A divisão das salas em lado Ariano e lado Judeu em 1937, a implementação de *numerus clausus*, ou melhor, *numerus nulus*, de forma a proibir aos estudantes Judeus o acesso ao ensino superior, a implementação constante de programas contra os Judeus e actos violentos em várias cidades são apenas exemplos de manifestações da influência Ariana na cultura na Polónia. Desde 1936 em diante, o slogan Nazi de *Arianização*, ou melhor, a implementação dos decretos raciais de Nuremberga na Polónia, ganhou muitos seguidores, especialmente nas profissões liberais, dado que muitos dos programas eram contra a *economia judaica* (que muitos consideravam uma economia paralela). Por exemplo, o direito social de um Judeu possuir terras foi revogado.

Muitas associações assinaram decretos que proibiam Judeus de fazer parte delas e, sob a influência do Partido Nacionalista, em 1939, uma série de leis foram propostas para privar os Judeus Polacos da sua cidadania.

Este tipo de acções foi tomado em muitos dos casos por medo. Medo não só da Alemanha Nazi mas também do lado soviético, que sempre foi uma presença de poder que se deveria ter em atenção. Entre estes dois lados, a Polónia estava ameaçada por ambos. De facto, os governantes Polacos teriam

¹¹http://history1900s.about.com/gi/o.htm?zi=1/XJ&zTi=1&sdn=history1900s&cdn=education&tm=19&f=00&tt=14&bt=1&bts=1&zu=http%3A//www.southerninsitute.info/holocaust_education/eva_galler.html, acedido em 17/11/2011.

mais receio do poder Soviético do que do poder Nazi. Esta pode ser uma das razões pela qual o governo Polaco sentiu a necessidade de fazer ressoar as visões Nazis na sua população e, desde então em diante, aceitar e aplicar o programa de Arianização como uma identidade cultural.

Isto não reflectia as visões políticas de todos, mas certamente era um meio de assegurar que a Polónia iria manter-se segura no caso de uma invasão Soviética.

Este tipo de comportamento político também pode ser visto pelo prisma da estabilidade. Estando a Polónia “ameaçada” em duas frentes muito mais poderosas e numerosas, arriscar que uma outra possível frente se mantivesse em actividade, era um risco que não poderia correr. Ainda ressoando nos seus ouvidos os discursos Nazis acerca da suposta traição levada a cabo pelos Judeus na I Guerra Mundial, podemos pensar que uma das razões para o comportamento político poderia ser mesmo essa. Dessa forma, poderíamos então considerar que, para impedir que algo como isso voltasse a acontecer, o governo polaco procurou impor uma hegemonia ideológica, onde uma facção líder exerce pressão sobre outra, quer pelo uso da força, quer pelo consentimento da maioria. Ora essa maioria na Polónia era exactamente natural da própria Polónia, constituída por várias classes sociais e influências religiosas.

Como refere Gramsci:

The normal exercise of hegemony on the classical terrain of the parliamentary regime is characterized by the combination of force and consent, which balance each other reciprocally without force predominating excessively over consent. Indeed, the attempt is always to ensure that force would appear to be based on the consent of the majority expressed by the so-called organs of public opinion – newspapers and associations. (Gramsci, 1971: 80)

Pouco depois de a guerra ter início, esse sentimento anti-Semita veiculado pelo governo Polaco deixou de ressoar no cerne da população. Ringelblum utiliza

uma expressão muito curiosa mas que mostra a parcialidade dos relatos da época. Claro que, tendo agora uma visão bem mais educada e elucidada dos acontecimentos, sentimos uma necessidade de tomar partido acerca deste momento da vida europeia. Ringelblum utiliza a expressão “(*the Polish community*) *came to its senses*”, denotando então a parcialidade de uma pessoa que está a viver este tempo de incerteza e de contrariedade. Podemos traduzir esta expressão, de uma forma mais directa, por “*ganbaram júízo*” mas, neste caso, devemos considerar que o sentido dado por Ringelblum quando se refere a esta mudança por parte da população Polaca seria o reconhecimento de que a atitude veiculada pelo governo Polaco era um reflexo das visões Nazi, mais especificamente de Hitler.

Todos aqueles programas criados pelo governo Polaco contra os Judeus e as suas repercussões na população Judia e Polaca, com especial atenção à imprensa anti-Semita, acalmaram a incitação contra os Judeus e o ambiente tornou-se mais leve, com os ataques contra os Judeus a ficarem reduzidos a nada, surgindo inclusive um sentimento de cooperação entre a população e de entendimento por parte do próprio governo:

Anti-Semitism disappeared as if at the touch of a magic wand. Even the most ardent anti-Semites grasped that at this time Jews and Poles had a common enemy and that the Jews were excellent allies who would do all they possibly could to bring destruction on the Jews' greatest enemies. The easing of tension could be felt at every step: in the streets, trams and offices a spirit of harmony and cooperation prevailed everywhere. The Jew, who before the war felt himself to be a second – or third- class citizen, a pariah to be beaten, kicked, and insulted at every turn, eliminated from all office or public position, etc., again became a citizen with equal rights, asked to render help to the common fatherland (Ringelblum 1992: 24-25)

Um clima de cooperação fazia-se sentir pelo país, fazendo crer que o objectivo do povo Polaco centrava-se na resolução do conflito que pairava sobre

o país.

De facto, a ameaça Nazi tornava-se cada vez mais presente nas vidas da população, o que leva a crer que esta mudança de comportamento dever-se-ia ao reconhecimento de uma necessidade que ultrapassava qualquer divergência cultural. Tratar-se-ia de uma questão de sobrevivência. Nos tempos que se seguiram à invasão Nazi, quer Polacos, quer Judeus trabalharam incessantemente para superar as adversidades e sobreviver aos ataques e incursões. Onde antes os Judeus estavam proibidos de entrar, as portas agora abriam-se; onde estavam proibidos de agir, os pedidos não paravam de chegar. Mais do que a questão cultural, ou neste caso, racial, os trabalhos eram feitos por quem tinha real capacidade, independentemente da sua religião, raça ou estrato social. Cristãos e Judeus, jovens, que antes tinham proclamado ódio entre eles, trabalhavam agora em conjunto para defender a pátria comum, contra um inimigo comum. Como é relatado por Ringelblum:

The common danger, common toil and labour of the Jewish and the Polish population amidst the rain of projectiles, the reverberation of the exploding bombs and the bursts of shrapnel, united the tenants of each block in their fight against the common enemy, brought the two people closer together and bridged the gulf that had been created by the common enemy.
(Ringelblum 1992: 27)

No entanto, e como a história é feita de memórias de várias experiências, enquanto existia esta cooperação, noutros locais do país também existia o contrário, numa altura em que os Nazis já levavam a cabo a sua incursão terrestre. Portanto, esse sentimento de cooperação que ainda existiria em alguns locais e centros, não se fazia sentir em todo o território. Ainda na entrevista dada por Eva Galler, quando Plater Robinson a questiona sobre a separação entre os colegas de escola e qual o grau de separação, Eva Galler responde:

Complete separation. Complete separation. Even my, I had one brother who had a real good Ukrainian friend and we had a Ukrainian teacher who came in because older brothers they didn't go away to school to another city so my father took a private tutor, and he lived in our street. He was an unemployed Ukrainian teacher, and he taught my brothers. And came into our house, and was like a friend. My mother fed him, and the other brother had Ukrainian friend because he learned the trait, he wanted to be a tailor, he learned tailoring. That Ukrainian boy worked together with him, and they became very good friends, but the minute the Germans came in, they turned to enemies. One even, that teacher, slapped my mother on the street. Because there was a decree that Jews couldn't walk on the sidewalk. Only the mud. And my mother forgot, and went on the sidewalk. And that teacher passed by, and even though my mother was so much older than him, he struck my mother. And mother came in and cried so much. She said, she wouldn't be so much insulted in a German would do to her, or a stranger, but a person whom she served food and fed and came in to our house, and he beat her.¹²

Este é apenas um dos muitos relatos da influência Nazi na vida e mente das populações que conquistaram no decurso da sua marcha de terror. Claro que existem também relatos de polacos e de outras nacionalidades que contrariaram éditos, regras, imposições e ameaças, arriscando a sua própria vida para auxiliar os demais. Casos como o de Anne Frank, na Holanda, que foi acolhida com a sua família num anexo, são dos mais conhecidos.

Este tipo de comportamento vindo das massas após a invasão Nazi deve-se a várias razões. O medo é uma delas. O medo foi uma das armas mais poderosas ao serviço do exército Nazi durante a sua existência. Ao chegar a uma cidade ou aldeia, o exército Nazi instaurava um clima de repressão e de ordem pautada pelo medo. Todos eram tratados de forma igual nos primeiros tempos

¹²http://history1900s.about.com/gi/o.htm?zi=1/XJ&zTi=1&sdn=history1900s&cdn=education&tm=19&f=00&tt=14&bt=1&bts=1&zu=http%3A//www.southerninstitute.info/holocaust_education/eva_galler.html, acedido em 17/11/2011.

mas depois rapidamente se fazia sentir a certeza de quem eram os verdadeiros alvos: a população Judia.

O processo de conquista era simples. Durante a invasão, instaurava-se o medo; depois, para mitigar esse medo, governos sombra eram criados com pessoas conhecidas da população mas que não exerciam nenhum poder real; depois chegavam as indicações para melhor viver em comunidade, uma “educação dos povos incultos” por parte de uma cultura que se apresentava como avançada e educada. Finalmente, o pináculo da influência Nazi, que era criar a ilusão de uma ideologia perfeita, de forma que os povos invadidos tomassem como suas as decisões do governo Nazi. O exército e o governo Nazi não tinham de levar a cabo acções segregativas junto da população porque, depois de (re-)educar a cultura dita inculta – inculta na óptica dos interesses Nazis, visto que a forma de ver e viver dessas populações não se adequaria aos reais intentos das suas necessidades como cultura “superior” - elas mesmas iriam tomar as decisões que o governo queria, mas considerando-as como suas.

Isto dava um falso sentimento de liberdade cognitiva, visto que essa população acreditava que a deliberação era sua e somente sua, saída da sua vontade de o fazer.

E de que forma conseguiu o governo Nazi este equilíbrio entre poder efectivo e ilusão de poder nos territórios subjugados? Através daquilo que foi chamado de “máquina propagandista”.

No seio da identidade Nazi está este meio de circulação de informação interno e externo que era a máquina propagandista. Interno, porque desde o início que este meio de comunicação de massas teve o duplo objectivo de veicular para o povo Alemão a ideologia Nazi. Externo, dado que o outro objectivo era educar as massas “incultas” dos países subjugados, de forma a inseri-los no contexto Nazi.

Este conceito de ideologia referido várias vezes durante este texto é um conceito que foi alvo de evoluções e mutações no decurso da história mundial.

As visões Nazi fazem parte de uma ideologia, as acções tomadas enquadram-se dentro de uma ideologia vigente. Mas, o que é ideologia?

A ideologia pode e deve ser entendida a nível de ideias constituintes, práticas e significados atribuídos. Atribuídos porque, mesmo que estejam a representar verdades universais, não passam de indicações de orientação que sustentam grupos sociais de poder. A ideologia é a conceptualização de experiências vividas e também a matéria unificante de ideias organizadas sistematicamente, que exercem um papel de união entre elementos sociais¹³.

Este conceito foi utilizado de forma eficiente nos seus intentos pelos líderes Nazis, visto que criava a situação perfeita para atingir os seus objectivos.

Como Barker refere, recordando Poulantzas (1976), a ideologia tem uma função que denomina de “separação e união”, em que a ideologia disfarça a “real” fundação da produção de significados, deslocando o ênfase do pensamento para a troca. Isto quer dizer que, neste caso, a ideologia foca-se mais numa óptica de transmissão da informação, sobre uma suposta realidade, e não tanto no pensamento crítico acerca da realidade envolvente. Deixa a realidade aprendida num segundo plano e releva a simples recepção e transmissão de conhecimento, sem a tentativa de individualizar por parte do receptor a informação recebida e assimilada nas suas estruturas de pensamento.

No entanto, alguns estudiosos apresentam algumas em relação a este pensamento, nomeadamente acerca da funcionalidade desta ideologia sem a influência de alguém, ou seja, a ideia de que ideologia é uma ferramenta desprovida de agente e que trabalha na sombra, sem influência da pessoa. Logo, se considerarmos uma sociedade puramente ideológica, onde a mesma ideologia é partilhada, como poderiam surgir pensamentos não-ideológicos?

Nessa linha de pensamento, remetemo-nos para Gramsci e a sua hegemonia ideológica, referida anteriormente.

Levando estas considerações para a acção Nazi sobre os países invadidos, temos que, para estabelecer a sua identidade no seio dos países invadidos, a identidade cultural natural deveria ser reestruturada. Então, por meio da força, o exército Nazi destruíu os espíritos dos indivíduos, levando-os a crer que tudo

¹³ BARKER, Chris (2012), *Cultural Studies – Theory and Practice*, 4th Edition. London: SAGE Publications, p 67.

estava perdido, até ao ponto em que aceitariam qualquer coisa para sobreviver. Depois, entrava em jogo a propaganda Nazi que, através dos meios de comunicação habituais e alguns outros rudimentares, levava uma nova visão, uma nova ideologia a esses povos que, mediante a situação a que estavam sujeitos, a aceitariam como sua, visto que a máquina propagandista estava de tal forma construída, para apresentar os fundamentos, as “provas” das suas acusações.

Numa altura em que pouco restava, a promessa de educar as “massas incultas” era algo que os Nazis desejavam, pois isso iria tornar os seus alvos em instrumentos nas suas mãos, de forma inconspícua. Logo, a acção era clara: destruir para construir.

Dos vários meios que a propaganda Nazi tinha ao seu dispor, desde os éditos até à cinematografia, vou aqui apenas utilizar a segunda como objecto de reflexão.

Nos anos seguintes ao início das invasões da Polónia, um dos inúmeros decretos Nazis foi o de proibir a entrada de Judeus nas salas de cinema. Uma arte para os Nazis considerada de pessoas eruditas, para as massas cultas. O filme propagandista de mais sucesso foi “Jud Süß”, no entanto, para este efeito, irei utilizar outro filme, “Der Ewige Jude” (O Judeu Eterno), dada a sua natureza documental.

Este filme relata a “verdade” acerca dos Judeus. Filmado no gueto de Lodz, na Polónia, em finais de 1939, trata-se de uma montagem de várias cenas filmadas durante as invasões, de forma a mostrar a “verdadeira” face deste Judeu, que tem sido retratado desde o folclore medieval como o “wandering Jew” (o Judeu errante).

O filme começa por definir à partida que os Judeus não são civilizados. Apenas os que vivem na Alemanha o são (por estarem sujeitos às influências da ideologia Nazi) e mesmo esses mostram apenas uma visão parcial do seu “carácter racial”. Este tipo de atitude perante os Judeus era algo considerado natural e aplicava-se não apenas aos Judeus mas também a todos aqueles que não se enquadravam no ideal Nazi. No seguimento dessa afirmação inicial, Fritz Hippler, o realizador deste filme, passa então a mostrar o que na realidade o povo

Judeu seria. Imagens do gueto de Lodz, na Polónia, na altura das invasões, mostra como os Judeus alegadamente seriam, por detrás dessa “máscara” de europeus civilizados.

Numa tentativa de se aproximarem de uma população polaca enfraquecida pela situação do seu país e tentando criar um sentido de relação entre as duas culturas, os Nazis, filmando a população rural Polaca, alegam que só depois das invasões é que estes passaram a ter uma visão correcta da forma como vivem os Judeus na Polónia. No relato que acompanha as imagens é dito: “(..), nor have they suffered from the chaos of war as has the native Pole”.

Isto é referente à falta de presença Judia nas aldeias. Algo que, recordemos, está ligado a uma das acções mais fortes tomada pelo governo Polaco na pré-invasão, que foi exactamente retirar as terras aos Judeus e dá-las aos naturais Polacos, para que eles as pudessem explorar, tal como referiu Ringelblum. Porém, afirmar que não existiam Judeus nas aldeias não é totalmente verdade, visto que Eva Galler vivia numa aldeia Polaca com muitos outros Judeus. Daí, podemos retirar que, para efeitos de eficiência na transmissão de uma imagem cultural, era necessário deturpar a verdade e escolher uma situação pontual capaz de servir de modelo para uma realidade de certo modo expandida e que permitisse retratar a imagem que se procurava veicular. Usando uma situação pontual, transformando-a numa verdade assumida, de forma que quem fosse exposto a essa maquinação, tendencialmente iria acreditar no que lhe havia sido apresentado.

Não só isso mas também os Nazis queriam alienar os Judeus da realidade Polaca, afirmando que eles não seriam Polacos e por isso colocar-se-iam à margem, indiferentes à guerra - já que, depois dos ataques, os Judeus voltavam aos seus negócios, - querendo com isso mostrar os Judeus como materialistas e insensíveis ao sofrimento dos seus vizinhos.

Continuando esta tentativa de fazer os Polacos acreditar que os Judeus os haviam enganado a todos durante anos, inclusive aos próprios Nazis, o filme volta a referir o passado como sendo uma ilusão criada pelos Judeus. É afirmado que, vinte e cinco anos antes, não tinham visto a realidade do gueto polaco mas

agora viam-na perfeitamente: “This time our eyes are sharpened by our experience in the last few decades”, referindo-se à traição que o povo Judeu teria cometido durante a I Guerra Mundial, assim considerado pelos Nazis. O narrador refere ainda que, em 1914, os Nazis falharam em reconhecer o povo Judeu como uma praga que assolava o povo ariano. É usada no filme uma frase de Richard Wagner, que chama aos Judeus o demónio por detrás da corrupção da humanidade¹⁴.

Durante o filme todo, tratado como um documentário, são usadas inúmeras imagens, apenas contextualizadas pelas palavras que o acompanham, descrevendo os Judeus como pessoas incivilizadas, aproveitadores e um risco para a sociedade. O filme caracteriza o Judeu, comparando-o com a sua casa, suja e negligenciada, com animais e pestes, acusando-os de viverem assim porque querem, visto que eles têm o suficiente para possuir casas dignas, mas que preferem viver em casebres. Fica claro que o objectivo era mostrar que o Judeu não só era um risco para a consciência colectiva mas também para a sociedade.

As imagens utilizadas mostram comportamentos característicos dos Judeus, mas completamente desprovidos de contexto para ridicularizar as suas crenças, seja pelas palavras proferidas, seja pelos actos tomados. Exemplo disso será a imagem que mostra um Judeu a “abandar-se” enquanto profere orações que para os Nazis eram incompreensíveis.

Passando para as ruas, apresenta o Judeu como criatura preguiçosa e um fardo para a sociedade, sem fazer trabalho algum, ou melhor, um trabalho considerado útil, excepto aquele a que é forçado a fazer pelos Nazis.

No que concerne o trabalho, os Nazis usam imagens daquilo que consideram ser o trabalho “preferencial” de um Judeu: a venda de pequenos produtos, sentados na rua, sem fazer qualquer tipo de esforço para realmente vender, estando o tempo todo a conversar.

Ao contrário do que era dito pelos Judeus, os Nazis negam o facto de aqueles só terem tais trabalhos porque os outros, ditos “dignos”, lhes estavam

¹⁴ *Der Ewige Jude* (1940), realização de Fritz Hippler, nossa tradução. Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipcontrinter=1>

vedados. Reconhecem que está na natureza dos Judeus a venda de produtos, sendo mesmo encorajados a tornar-se vendedores “correctos”. No entanto, as imagens seguintes apresentam mulheres Judias a gritar, em fúria. Isto era uma tentativa de mostrar a incapacidade do Judeu em usar as capacidades conversacionais de forma correcta.

Nem mesmo as crianças Judias são poupadas nesta criação de uma nova identidade para o povo Judeu, sendo usadas imagens de crianças a pedir nas ruas. Referem ainda no filme que isto não é um sinal de pobreza, visto que, segundo os Nazis, os Judeus são ricos e apenas não ostentam a sua riqueza para se infiltrarem na Europa de forma mais inconspícua. Essas crianças estariam orgulhosas de agir como adultos, não fazendo nada e aproveitando-se dos outros. Em termos comparativos, é referido também que as crianças Judias não têm a moralidade e o idealismo das crianças Nazis.

No contexto divino, este filme refere que os Judeus consideram que o negócio é algo sagrado e que os ensinamentos religiosos em relação às acções que devem ser levadas a cabo durante essa actividade passam pelo engano e a usura. Imediatamente usam como referencial correcto o modelo Nazi, que enaltece o trabalho como actividade que tem sempre um sentido de valor, que quer e deve criar algo com valor (implicitamente estabelece que os produtos Judeus não têm valor). Até a própria forma de criar pelo trabalho é referida. As pessoas que procuram criar produtos com valor e qualidade usam a força bruta e não a atitude que os Judeus (segundo as conjecturas Nazis) têm.

Neste processo de enriquecimento por parte dos Judeus, estes demonstrariam uma falta de carácter e de lealdade inclusivé entre os seus iguais. São retratados como pessoas sem escrúpulos que ganham a vida à custa dos outros, mesmo que isso signifique passar por cima dos demais, sejam eles quem forem.

Os Nazis, neste documentário, fazem uma série de acusações de forma a gerar uma onda de revolta por parte dos outros povos, contra os Judeus. No caso da Polónia, acusam os Judeus de apenas se retirarem para os guetos para enriquecerem à custa da população; chamam-lhes usurpadores, porque se

aproveitam da miséria alheia para enriquecer e assim piorar a situação de ambos os países (Polónia e Alemanha). A própria acção mercantil exercida por parte dos Judeus em nada contribuiria para a economia, visto que eles seriam uma razão para a depreciação dos bens, porque reduziriam os produtos criados pelos arianos a simples mercadorias. Generalizando as suas acusações, referem ainda que não existiria qualquer diferença entre os Judeus da Polónia e os Judeus na Palestina: são todos *oportunistas e sanguessugas*¹⁵.

De entre as imagens usadas neste filme, os Nazis utilizaram também mapas animados para ajudar à compreensão e ilustrar as ideias que queriam passar. Nessa animação, mostram todos os locais por onde os Judeus passaram, ficando lá e aproveitando-se dos povos, até não conseguirem mais e depois passar para outros países. Os Nazis chamavam a esse processo de “pilhagem” dos habitantes culturalmente superiores. Nesta representação das migrações Judias, os pontos onde mais se fazem representar é precisamente o Reino Unido, o norte de África, Espanha e França. Na Espanha e em França as pessoas revoltaram-se contra eles, o que os fez seguir o caminho para Este, passando pela Alemanha e pela Polónia, países “de cultura ariana”. Este termo foi usado com o intuito de inserir a Polónia no seio da cultura Nazi. Os Judeus estabeleceram-se na parte Soviética da Polónia (esta referência servia também para fazer com que o povo Polaco não se associasse aos Soviéticos). Após esta representação gráfica, o mapa transforma-se num mapa global, onde os Judeus surgem por todo o globo. Esta representação faz lembrar o mapa evolutivo de um vírus ou de uma doença.

Ainda neste espírito de educação das massas Polacas, a utilização de termos comparativos é muito frequente e assim os Nazis usam neste filme a comparação dos Judeus com ratos. Como referido no filme, os ratos são uma peste não originária da Europa mas sim da Ásia, que migraram para a Europa, trazendo doenças, actuando como parasitas, viajando em grupo para semear destruição. Os Nazis afirmam que os Judeus têm exactamente o mesmo comportamento. Os Nazis sempre utilizaram os números para ilustrar os seus

¹⁵ *Der Ewige Jude* (1940), realização de Fritz Hippler, nossa tradução. Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipcontrinter=1>

pontos de vista e, nesse sentido, acusam os Judeus de grande parte do crime internacional:

*Sendo apenas 1% da população mundial, eles são culpados de 34% dos negócios de droga, 47% dos roubos, 47% dos jogos de azar viciados, 82% do crime organizado internacional e 98% da prostituição.*¹⁶

“ Der Ewige Jude” refere ainda que a maioria do jargão utilizado pelos Judeus surge do Hebreu e do Yiddish, pois os Judeus seriam seres altamente adaptáveis, mediante as suas próprias necessidades. Para demonstrar essa adaptabilidade, os Nazis usam uma série de imagens de Judeus com as suas roupas características (segundo os Nazis) que, depois de os tornar mais apresentáveis, torná-los-iam capazes de se inserir em qualquer comunidade. Isto serviria para deixar um aviso a todos: que os Judeus seriam inteligentes ao ponto de se fazer passar por não-Judeus e que isso seria uma das maiores armas que utilizavam para levar a cabo as suas intenções.

De entre muitos outros exemplos que são usados durante este filme para mostrar a “verdadeira” face dos Judeus, por certo que a mais reveladora dos intentos Nazis de tornar a cultura Judaica em algo repulsivo são as imagens utilizadas de vários sacrifícios de animais, alegadamente perpetrados por Judeus. Estas imagens eram precedidas de um aviso para os espectadores mais sensíveis, devido à sua violência e natureza gráfica. Mas logo de seguida lê-se que seria preferível mostrar a verdadeira face dos Judeus a esconder a realidade. Após estas imagens, a audiência é confrontada com a realidade Nazi, onde todos os Alemães (termo usado no filme) teriam amor pelos animais, ao contrário dos Judeus. Para ilustrar esse amor, o filme refere que Hitler aprovara uma lei que proibia esta forma de morte de animais no início do seu mandato.

¹⁶ *Der Ewige Jude* (1940), realização de Fritz Hippler, nossa tradução. Consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipconrinter=1>

O filme termina referindo que a limpeza étnica é o legado que o partido nacional-socialista deixa à nação Alemã para sempre.

Este é apenas um dos muitos filmes usados como veículo de informação e educação pelos Nazis no seu objectivo de libertar as “massas incultas” de uma situação de ilusão em que eles viveriam, devido ao trabalho na sombra de milhares de Judeus.

Todas as relações, sejam elas interculturais ou não, passam por alturas de teste, tenham elas fundações sólidas ou estejam apoiadas numa paz ténue, como no caso da cultura Polaca e da Judaica. Vários factores podem levar a uma variação e diferença nos comportamentos, sejam eles involuntários, como no caso de uma crise económica ou social ou mesmo num conflito armado, sejam eles voluntários, com o intuito de gerar uma mudança nessas relações, como foi o caso da Alemanha Nazi na altura da II Guerra Mundial.

Sendo a Polónia um país com diversas culturas e diversas vivências e experiências, foi fácil para o regime Nazi utilizar essas diferenças culturais e conseguir que uma cultura se levantasse contra outra. Aproveitando a frágil coexistência dos Polacos nativos com os Judeus, a máquina propagandista Nazi conseguiu mudar mentalidades através de processos complexos e extremamente ardilosos, com consequências simples mas destrutivas.

As invasões e os conflitos que marcaram este período foram construídos em várias frentes. Por um lado, tínhamos o medo plantado e cuidado no seio das populações invadidas pelos militares e as suas armas. Ao mesmo tempo, tínhamos a desconstrução de uma cultura nos seus constituintes mais básicos, de forma a apresentar uma “verdade” construída com o intuito de criar animosidades e conflitos. Isto seguido pela posterior construção de uma “nova raça”, fundindo pequenos aspectos e infundindo toda a sua visão numa nova construção, criada com o objectivo de gerar novos sentimentos para com uma cultura, adoptada pelos Nazis como sua inimiga.

Desde a racialização à representação cultural e social, os artifícios utilizados pela propaganda Nazi sempre tiveram dois objectivos principais: criar uma nova “raça superior”, a raça Ariana, e construir uma nova versão da raça

Judaica, uma que se adequasse às suas necessidades estratégicas por altura da II Guerra Mundial.

Referências bibliográficas

BARKER, C. (2003), *Cultural Studies - Theory and practice*, second edition, London: Sage Publications.

BARKER, C. (2012), *Cultural Studies – Theory and practice*, fourth edition, London: Sage Publications.

FABIAN, J. (1991 [1985]), “Culture, time and the object of anthropology [1985]”, in *Time and the work of anthropology. Critical Essays 1971-1991*, Chur, Switzerland: Harwood Academic Publishers.

GRAMSCI, A. (1971), *Selections from the prison notebooks*, edited by Q. Hoare and G. Nowell-Smith, London: Lawrence & Wishart.

HALLAM, E and Street, B (2000), *Cultural Encounters – Representing “otherness”*, New York: Routledge

HALL, S. (1997), *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*, London: The Open University.

POULANTZAS, N. (1976), *Political Power and Social Classes*, London: New Leaf Books.

RINGELBLUM, E. (1992), *Polish-Jewish relations during the second world war*. Evanston Illinois: Northwestern University Press.

SHEEHAN, M (1996), *The Balance of Power – History and Theory*, London: Routledge.

Der Ewige Jude (1940), realização de Fritz Hippler. URL: <http://www.youtube.com/watch?v=dk3fYdJCarY&skipconrinter=1> acedido em 14/03/2012.

Triumph des Willens (1935), realização de Leni Riefenstahl. URL: <http://www.youtube.com/watch?v=GHS2coAzLJ8> acedido em 13/03/2012.